

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 266

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.

5.º Anno

NUMERO AVULSO, 30 REIS

11 DE SETEMBRO

Foi o dia 11 de setembro de 1832 o primeiro dia de sério ataque, desde que começara o cerco, dos miguelistas contra o Porto.

Foi esse o primeiro dia de bombardeamento. A celebre *bateria dos morteiros* despede as primeiras bombas sobre a cidade invicta.

Faz hoje, pois, 72 annos que José Estevão Coelho de Magalhães se batia heroicamente, na serra do Pilar, em defeza da causa liberal, que era a causa dos opprimidos, a causa dos humildes.

Foi no dia 11 de setembro de 1836, que a revolução de setembro, triumphante, impoz á rainha a queda do ministerio e o juramento da constituição de 1820.

José Estevão era um dos chefes d'essa nobre revolução. Faz hoje, pois, 68 annos, que o grande tribuno defendia, novamente, a causa do povo com as armas na mão.

Era o dia 11 de setembro de 1904 o dia escolhido para a parada jesuitica na patria do heroico defensor da liberdade.

Não conseguiram os inimigos da luz o seu intento. Fugiram as corujas. Debandaram os corvos. Recolheram as serpentes aos seus antros.

Venceu a liberdade!

Venceu a liberdade!

Vae de fugida a reacção!

Gloria a Aveiro, que honrou mais uma vez as suas tradições! Gloria a Aveiro, que salvou mais uma vez a honra do seu nome!

Vae de fugida a reacção, batida, corrida, envergonhada!

Nós te saudamos, memoria abençoada de José Estevão!

A ti devemos ainda este triumpho.

Bem dita sejas tu!

JOÃO JACINTHO FERNANDES

Falleceu na Figueira da Foz o sr. João Jacintho Fernandes, antigo commerciante da praça de Lisboa, caracter honestissimo, intelligencia lucida e culta, um dos velhos mais sympathicos do alto meio lisboeta. Professou com ardor os principios republicanos.

Sentimos profundamente a sua morte.

TIRO CIVIL

E' hoje que se realiza na carreira da Gafanha o primeiro concurso local do tiro civil.

Já aqui temos manifestado, por varias vezes, a nossa profunda sympathia pela instituição do tiro nacional. E, por isso, vemos com o maximo prazer o desenvolvimento que ella vae tendo entre nós. Só por meio do tiro nacional nós poderemos chegar, um dia, á transformação dos exercitos permanentes em exercitos democraticos. O principio d'essa transformação está já inscripto na lei, pois que todo o atirador, que obtiver a classificação de 1.ª classe, fica sujeito sómente ao serviço militar durante cem dias.

E', pois, uma instituição patriótica, uma instituição popular, que só por uma lamentavel ignorancia, por um triste desprezo pelos interesses collectivos, e, até, pelos interesses individuais, deixa de ser seguida por todos os cidadãos portugueses.

Applaudimos vivamente os seus iniciadores em Aveiro. Abençoados sejam elles, como todos quantos concorram, de qualquer forma, para o levantamento physico, moral e intellectual, d'esta infeliz nação, tão abatida, e, no entanto, tão cheia de força e recursos.

A festa de hoje deveria concorrer, para incitamento e estimulo, todo o publico intelligente d'esta terra. Só por meio d'uma propaganda tenaz, intensa, continua, é possível fazer vingar instituições d'esta natureza.

Felizmente, as classes populares aveirenses são das mais intelligentes do paiz.

Pena foi que a carreira de tiro ficasse tão longe. Foi um erro, um grande erro, erro, aliás, cometido em toda a parte. Todas as carreiras, que nós conhecemos, ficam demasiadamente longe das povoações, sem necessidade impreterivel, aliás. Ainda n'isso se reconhece a nossa falta de criterio.

Parece-nos que não teria sido difficil encontrar terreno apropriado para a carreira mais perto da cidade.

E, d'ahi, pôde ser que estejamos em erro.

De triste memoria

Conta o correspondente da «Soberania do Povo» d'esta cidade, que no lugar da Vallega, freguezia de Ovar, existe a boia de salvagão do patacho *Maria das Dóres*, que em setembro do anno findo snú de Lisboa em dorota para o Fayal, e que nunca mais se tornou a saber noticias d'elle.

Está em poder do sr. Albino da Silva Tavares, que l'ha deu um amigo que a encontrou na praia da Torreira em março d'este anno.

VENCEU A LIBERDADE

E' definitivo. Não se realiza a procissão em honra da *Inmaculada*, que se projectou n'esta cidade. Emfim! Emfim! Venceu a liberdade. E para isso bastou a energia de meia duzia de homens.

Grande exemplo, que deve aproveitar a todos os liberaes, a todos os republicanos de paiz. Aos republicanos, sobretudo. Porque, repetimos, além dos republicanos e dos socialistas poucos são, no desgraçado momento historico que decorre, os liberaes em Portugal.

Nós eramos poucos em Aveiro. Um dos partidos monarchicos, o partido progressista, absteve-se cuidadosamente. Outro, o partido francaceo, o partido infamissimo que não se peja de se chamar reformador e liberal obedecendo ao homem que mais attentou contra a liberdade e o direito, hostilizou-nos pulhamente. Ficámos só nós, os republicanos.

Acovardámo-nos, por isso? Não. Hesitámos? Não. E o simples facto de não nos pormos a tremer deus nos uma victoria definitiva, e victoria estrondosa.

Ponham aqui os olhos os republicanos que enxameiam por esse paiz fóra. O governador civil de Aveiro ameaçou reduzir-nos a pó. Dissolveu-nos uma conferencia. Prohibiu-nos outras, que já estavam annunciadas. Amedrontou a parte pacifica da população arranjando um alferes que atirou com os cavallos para cima de todos quantos, na noite de 9 de agosto, encontrou passeando na cidade. Prometteu fuzilar uns, e mandar outros para Timor, se no dia da procissão ou-sassem fazer um signal de simples protesto. Ninguém tremeu. Ninguém desistiu. E tanto bastou para que o governador civil fizesse o contrario d'aquillo que tinha em mente realizar, isto é, para que intimasse ou insinuasse aos carolas a desistencia da procissão.

E' que pôde muito uma vontade forte, quando se apoia na justiça, na verdade, no direito.

Fuzilar-nos, como? E' facil fuzilar os que fogem, mas é difficil fuzilar os que ficam. Se o povo portuguez fugisse menos vezes, e com menor precipitação de cada vez, deante da policia e da tropa, da policia sobretudo, seria mais poupado e mais respeitado.

Mandar-nos para Timor, porque? E' difficil mandar para Timor uma parte numerosa d'uma população, ou homens qualificados. Se o sr. Bernardino Machado, o sr. Manuel d'Arriaga, o sr. Magalhães Lima, o sr. Guerra Junqueiro, tantos outros, forem amanhã para a rua com o povo gritar *viva a liberdade, abaixo a reacção*, á passagem d'um cortejo jesuitico, estejam certos de que ninguém os manda para Timor. Pensa-lo, é bacoquice, ou demasiada covardia.

E' assim mesmo que se matam as leis iniquas ou absurdas. Em Portugal toda a gente se aterra com a lei de 13 de fevereiro. Pois é só esse terror que dá força a essa lei infame. No dia em que esse terror desapareça, no dia em que todos os republicanos, a começar nos magnates, se resolvam a arrostar com ella, a infamia termina, ou, pelo menos, o abuso desaparece. E' preciso ver onde termina a

prudencia e onde começa a covardia.

Os republicanos d'Aveiro não foram insolentes, mas também não foram tímidos. Foram prudentes, sem serem covardes. E isso bastou para que o seu triumpho fosse completo.

E' forçoso acabar com o *conselheirismo* dentro do partido republicano. Evidentemente, isto não é, não pôde ser, um partido de commandadores ou d'irmãos de confrarias. Não é, não pôde ser, um partido de convencionalismos ridiculos ou torpes. Não podemos estar a reparar se é de bom tom, ou não é, ir para a rua dar vivas á liberdade, e se agrada, ou não agrada, á gente d'alta roda, ficar com o chapéo na cabeça quando passa uma procissão.

Deante das manifestações projectadas em Aveiro houve retrahimentos manifestos em varias categorias republicanas. Não queremos individualisar. Basta registrar, generalizando.

O partido republicano do Porto, com a sua comissão executiva, esteve decididamente ao nosso lado, apoiando-nos em tudo. Os jornaes d'aquella cidade, especializando «O Norte», fizeram a mais activa propaganda em favor da nossa causa. Mas não succedeu assim em *toda a parte*. Porque?

Era impolitico investir com a clericalha? Impolitico era deixar continuar o espectáculo indecoroso iniciado em Braga. Impolitico era consentir que a clericalha apregoasse, com apparencias de razão, uma força que não tinha. Politico, era fazer o que fizeram os republicanos d'Aveiro. Bastou que se levantasse aqui um grito d'alarme, para que o paiz se agitasse d'um extremo ao outro, disposto a combater, disposto a resistir, e para que a reacção, apavorada, começasse a medir o alcance da sua imprudencia.

Politico, e bem politico. Comtudo, é quasi certo que, sem esse grito d'alarme, a imbecilidade dominasse a ponto das manifestações jesuiticas irem tranquillamente até ao fim, n'um crescendo espantoso.

Era perigoso attentar contra as procissões? Faria isso o sentimento popular? A prova de que se enganaram déram-na também os republicanos d'Aveiro. Se os reaccionarios recuaram aqui nos seus intentos, se o governo obrigou o governador civil a ter algum juizo, foi, precisamente, por saberem que a população d'Aveiro não tinha sympathias nenhumaes pelo cortejo jesuitico.

Não é difficil convencer ninguém d'esta verdade.

A attitude d'este semanario, e a dos republicanos d'Aveiro, attitude que se não pôde tomar sem uma forte corrente de opinião publica, mostra bem de que lado estava o sentimento popular.

Aqui, e em todos os pontos do paiz. Viu-se como as adhesões dos gremios populares de Lisboa, Porto, Coimbra, Vidigueira, Covilhã, etc, vieram calorosas e energicas.

A questão anti-clerical é a mais popular de todas no paiz. A unica capaz ainda de sacudir o nosso povo. Por isso mesmo é um erro enorme ficar de braços cruzados deante d'ella. Erro que foi agora commetido por alguns dos dirigentes da democracia portugueza.

Não ha de ser dos padres, nem dos devotos, nem das fidalgas, emfim, da gente do *bom tom*, que nos ha de vir o auxilio. Verdade tão conhecida que já vae sendo impertinencia repeti-la. Partido revolucionario, cujos chefes graduem o seu procedimento pelas regras do *bom tom*, que se preocupem demasiadamente com a opinião que a seu respeito possa formar a gente de *sociedade*, é um partido irremediavelmente perdido. E alguns dos chefes republicanos soffrem muito d'esse vicio, degenerando a cada passo em *bacocos*, quando julgam elevar-se com elle ás *regiões ethereas* da diplomacia.

Bacocos é que são. Não passam de bacocos. Só conseguem provar a sua inferioridade, a sua incapacidade, o seu ridiculo. Serão bellos conselheiros, bellos poetas, bellos escriptores. Mas são pessimos generaes. E um exercito, na paz ou na guerra, precisa muito mais de tacticos, d'estrategicos, de homens de tino e senso pratico, viris, energicos, audaciosos, do que de conselheiros e poetas.

Os republicanos de Aveiro, tentando desmanchar uma procissão, déram a esses conselheiros e poetas a impressão de *gente de pé descalço*. Por isso se apressaram a retrahir-se. Que horror, gente tão cotada na alta roda associar-se a jacobinos de tal ordem! No entanto, sem esses jacobinos, sem esses pés descalços, mais uma vez teria ido por deante, sem protesto, um gravissimo attentado á liberdade em Portugal.

Aqui, os politicos foram, como em tantas outras occasiões, os jacobinos. Os impoliticos foram, como em tantas outras occasiões também, os conselheiros, os commandadores, os homens d'*ordem* e de peso, os poetas.

E' sempre politico e opportuno o movimento que accorda a opinião e desperta o enthusiasmo popular. Ora em Aveiro succedeu isto: o partido progressista local, como já dissémos, absteve-se; o partido francaceo,—hintzaceos não existem entre nós—hostilizou-nos ferozmente, lançando mão de todas as intrigas, de todas as infamias, de todos os manejos ignobeis—não ha canalha mais ordinaria e mais suja no paiz—para nos embaraçar ou comprometter. Não obstante, era tão forte o nosso apoio na opinião publica, tinha-se tamanha certeza de que as multidões estavam conosco, que os reaccionarios, apezar de terem a força publica ao seu dispôr, tremaram desde o primeiro instante, hesitaram, recuaram, acabando por desistirem de uma procissão, já duas vezes adiada.

Isto em Aveiro. No paiz não foi menor o effeito da attitude assumida pelos republicanos d'esta terra. O enthusiasmo foi geral. O grito de revolta estendeu-se a toda a parte. A campanha iniciou-se vigorosa em quasi toda a imprensa democratica. As conferencias generalisaram-se. E os reaccionarios começaram a recear um grave conflicto, no qual não pensavam até ao momento de se levantar o grito d'alarme n'esta terra.

Ninguém contesta hoje que foi um grande serviço e um bello movimento.

Os chefes do partido republicano soffreram sempre d'um mal terrivel, do mais horroroso dos flagellos que podem cair sobre um partido: não confiam em si, nem nas

orças que commandam. Ora, d'essa forma não ha generaes, não ha exercitos. Os chefes republicanos passaram sempre a vida a namorar o sr. Fuschini, e outros chefes monarchicos, dos quaes esperam tudo. D'elles é que ha de vir a revolução. Este tem sido o criterio. E d'ahi as nossas maiores desgraças. O sr. Fuschini, e outros, embaçam-nos com uma *gaita de cana*. Promettem-lhes a republica e fingem que conspiram, para chamarem as atenções do alto. Conseguindo o que pretendem vão-se embora e os chefes republicanos, ludibriados, cruzam os braços e esperam. Esperam o que? Que elles voltem outra vez!

Se ao menos apprendessem com o primeiro ludibrio... Mas não. São ludibriados uma vez, duas, tres, e esperam sempre. Esperam que os monarchicos se resolvam. Enquanto não se resolverem... nada se faz.

E por isso desprezam todas as occasiões de agitação, como desprezaram agora esta que o movimento de Aveiro lhes vinha offerecer.

O que não fôr *conspirata*, não presta.

Nem sequer podiam allegar que era odioso ir ferir as crenças populares, attentando-se contra uma procissão. As procissões são, todas ellas, um grave attentado á liberdade de pensamento, desde que ha muito cidadão que não professa a religião catholica-apostolica-romana. São um espectáculo grosseiro, improprio d'estes tempos, e assim as consideram os povos cultos, que as tem prohibido, todos elles, ou tenham o regimen monarchico, ou tenham o regimen republicano. O direito das maiorias não pôde ir até ao despotismo. Já não é pouco que os judeus, os protestantes, os livres-pensadores, paguem para o culto catholico, que não é o seu, e vejam conceder a esse culto privilegios, e tributar-lhe honras, que não se concedem, nem tributam, a outro qualquer. Ainda por cima obriga-os a descobrir-se deante d'uma procissão que lhe embaraça o passo, que lhe toma o caminho, e a ajoelhar deante d'um andor, ou d'um padre que leva qualquer symbolo nas mãos, é uma violencia, um acto despotico, uma affronta, contra a qual tinham o dever de protestar energicamente, por todas as formas, quantos se dizem democratras, quantos se dizem partidarios do direito e da justiça.

O culto só tem direito a ser respeitado. no seio das familias e no interior dos templos. Desde que d'ahi saia offende as opiniões alheias, attenta contra a liberdade dos outros, e os outros estão, pois, no plenissimo direito de protestar. Direito e dever. Não é só um direito. É um dever.

Mas vá lá que haja transigencia com procissões tradicionaes, com costumes velhos. Com a procissão da *Immaculada*, não. Era uma innovação. Era uma especulação. Era um pretexto.

O governo ameaçava os liberaes com a infamissima lei de João Franco? Mais um motivo para protestar. Por isso mesmo que essa lei é applicada a infelizes operarios, por isso mesmo homens como Bernardino Machado, Guerra Junqueiro, Affonso Costa, Manuel d'Arriaga e outros, teem o dever de a destruir. E destroe-se no dia em que, ameaçados os republicanos, como agora, d'ella lhe ser applicada se perturbarem as paradas jesuíticas em honra da *Immaculada*, elles forem para a rua gritar, á passagem d'esses cortejos: *Abaixo a reacção, viva a liberdade!*

Esse é que seria um acto politico. Esse é que seria um acto efficaz.

Resumindo: os republicanos de Aveiro cumpriram o seu dever. Encontraram em volta de si muitas adhesões. Devem aos republicanos do Porto um decidido apoio. Mas, infelizmente, não pôdem dizer o mesmo d'outros republicanos do paiz. E nós, que não quizemos ser laçao do rei para o sermos d'outro figurão qualquer, que não nos negámos a fazer a corte aos chefes monarchicos para a fazermos aos chefes republicanos, registamos o facto, como logo promettemos.

Honra e gloria aos republicanos de Aveiro! Honra e gloria a esta terra, que mais uma vez salvou a liberdade!

Honra e gloria aos republicanos de Aveiro, não só pela sua iniciativa, pelo denodo e coragem com que luctaram, pelos esforços constantes que empregaram em favor da causa democratica e das honradas tradições da terra em que nasceram, como pela união e solidariedade de que deram altas provas, resistindo ás intrigas e manejos ignobéis dos reaccionarios. N'esse ponto é dignos dos mais calorosos elogios a *Comissão Municipal*, corpo dirigente do partido republicano em Aveiro, que seguiu ávante o seu caminho, guiada apenas pelo amor dos principios liberaes, impondo-se a todo o paiz brilhantemente.

Continuem os republicanos de Aveiro dando esse nobre exemplo de solidariedade e união e terão sempre triumphado dos seus adversarios.

A todos o nosso applauso e as nossas felicitações.

A CANSOADA

Torna se necessario e urgente, para segurança do publico, que as auctoridades competentes tomem medidas tendentes a evitar que os cães percorram as ruas da cidade sem açaño.

E' ter em vista o que succedeu ha dias com o cão que se damnou e que em plenas ruas da cidade mordeu em duas creanças e um militar. Mas as providencias a adoptar não devem ser só restrictas para a cidade, devem abraçar mais longe, ás aldeias, onde a cansoada campeia livremente e os transeuntes se veem muitas vezes ameaçados de serem mordidos por esses animaes.

A AUCTORIDADE

Pede-nos um cyclista, nosso amigo, para lembrarmos á auctoridade competente a conveniencia de avisarem os individuos que montam bicycleta para que tomem na maxima consideração a forma porque, nas estradas, se cruzam uns com os outros. Está estabelecido, e cremos mesmo que ha até um regulamento n'esse sentido, que todos os cyclistas, na sua passagem pelas estradas, deem sempre a direita.

Mas como hoje a monomania do cyclismo attingiu em Aveiro o ultimo grau, vendo-se a cada canto uma bicycleta, no geral montada por quem bem pouca pratica tem das regras cyclistas, não é raro por isso verem-se alguns estatelados pelo engano, no meio das estradas.

Seria conveniente a auctoridade providenciar de novo sobre o assumpto, obrigando-os tambem a andarem munidos de campainhas e travão, e na cidade evitarem as correrias para se não darem os atropelamentos diarios que ahi se veem.

Ministro da guerra

Chega hoje a esta cidade o sr. Pimentel Pinto, ministro da guerra, que vem assistir ao concurso do tiro hoje realisado na carreira da Gafanha.

Sua ex.^a retira no comboio rapido da tarde.

Um padre avariado

Consta-nos que um padrecão avariado se fartou de largar baborseiras no logar da Gafanha, chegando a insultar os liberaes de Aveiro por se opporem á sahida da procissão da *Immaculada*.

Tambem nos consta que o jesuitão demandista esteve para ser apalpado pela *gentileza*, tendo de mandar armar a irmandade para lhe guardarem as hostellas.

Ora o refinado hypocrita não se convencerá um dia do que é e do que valle?

Póde bem ser que sim, mas talvez já seja tarde.

A instrucção do soldado

Sr. Redactor.

No numero da *Revista de Infantaria*, correspondente ao actual mez de setembro, vem um honrado capellão, que não tenho a honra de conhecer, nem, pelas iniciaes X. X., de decifrar, responder ás duas cartas, que v. em maio e junho findos, teve a amabilidade de me publicar.

E' tardia a resposta. Mas é pittoresca.

Assim, um honrado capellão afirma que o professor do 1.º curso, «sem grande esforço, sem apregoar o seu merito nem o seu trabalho, tendo como auxiliar um cabo apenas, que, fazendo serviço interno, como manda o regulamento, raras vezes apparece na escola», habilitou, em infantaria 2, 46 soldados da infantaria 5, 74, e em caçadores 5, 42, fazendo todos exame de 1.º cabo e ficando todos aprovados; quando em infantaria 23, «trabalhando todos na instrucção litteraria do soldado, capitão, subalternos, sargentos e até os 1.ºs cabos da respectiva companhia!» — aqui pôz ponto de admiração, sem duvida por ter inventado os cabos como professores — só se conseguiu habilitar 44.

Ora está tudo explicado, illustre antagonista. Das duas, uma: ou os honrados capellães de infantaria 2, de infantaria 5 e de caçadores 5 são portentos, e, além de portentos, ainda inspirados pelo divino Es.iritto Santo, ou andou ahi milagre da Senhora de Lourdes.

O que podem contra isso os simples mortaes?

Sabendo os homens lêr, escrever e contar, correntemente, quando assentam praça, — e ha regiões onde elles, n'essas condições, abundam muito mais do que em outras, — um homem só, *sem grande esforço*, e até *sem esforço nenhum*, pôde habilitar para exame, não só 74, como habilitou o illustre capellão de infantaria 5, mas 100 ou 1:000. Em infantaria 23 ha 1.ºs cabos com exame de instrucção primaria, com exames do lyceu e até frequentando os cursos superiores. Nunca eu os considerei habilitados pelas companhias, nem, como taes, os inclui nas minhas estatisticas.

Se, porem, os homens, no geral, sabem lêr mal, escrevem peor e desconhecem todas, ou algumas das quatro operações arithmeticas — são esses, já o tenho dito, os que abundam aqui — um capellão só pôde habilitar, sózinho, mais candidatos do que os officiaes, os sargentos e cabos — admittam-se os cabos — d'um regimento inteiro, estando na graça do Misericordioso.

Isso é milagre, meu caro senhor.

Sabem todos quantos me conhecem n'este paiz, que eu ando em peccado mortal ha muitos annos. Ora eis porque, não me, suppondo eu completamente tolo, não tendo faltado, durante quasi 4 mezes, a uma *única lição*, ou havendo faltado a duas ou tres, se faltei, e bem assim o meu tenente, o meu 1.º sargento, os quatro segundos sargentos que nos auxiliavam, dois d'elles da minha companhia, nós só conseguimos, dando duas lições por dia, uma de duas horas, outra de uma hora e um quarto, ensinar 14 analphabets e habilitar 20 soldados, não analphabets, ao exame de 1.º cabo.

O honrado capellão de infantaria 5, sem esforço nenhum, sózinho, porque o 1.º cabo monitor raras vezes apparecia na escola, habilitou, ao mesmo exame, 74; o honrado capellão de infantaria 2, nos mesmos casos, 46; e o honrado capellão de caçadores 5, quarenta e dois.

Não nego. Não contesto. Só digo: são portentos. A cabeça de cada um d'elles vale a de nós todos summadas, e, depois quadruplicadas. São portentos. E, além de portentos, na especialissima graça do Senhor. Portentos, só, não basta. Ou então a rapaziada, que os illustres professores ensinaram, bebeu agua benta ou foi a Lourdes.

Milagre! E eu, deante do milagre, não discuto. Curvo-me. Depois faço meia volta e fujo, como peccadora creatura, que sou.

E tanto é milagre quanto é certo haver desaparecido, de repente, essa falta de cabos, que os documentos of-

ficiaes e todos os escriptores militares vinham denunciando. Ainda no jornal *O Diario*, de 22 de fevereiro de 1903, um jornalista, evidentemente pertencendo á classe dos officiaes do exercito, affirmava que nas companhias dos regimentos da guarnição de Lisboa não havia, em geral, de cabos *nem um para semente*. Pois em 1904, só no regimento de infantaria 5 appareceram, quasi que de um dia para outro, 74, isto é, muitos mais que os precisos para preencher por inteiro os quadros das companhias em todo o regimento.

Pois não foi intervenção divina? Lá isso foi!

O illustre auctor do artigo da *Revista de Infantaria* sabe, porem, do milagre, na conclusão. Essa é que não é milagrosa, nem milagreira. Essa é que não é divina. Nem chega a ser humana, porque nem sequer é logica.

Lá porque infantaria 23 habilitou só 44 soldados a 1.ºs cabos, não se segue que o ensino por companhias não traga vantagens nenhuma; e sirva só para entretenimento dos officiaes das guarnições de provincia. Primeiro, porque se ando em peccado mortal, e, por contaggio meu, os officiaes e sargentos de infantaria 23, não se segue que a mesma maldição vá cair sobre os officiaes e sargentos de outros corpos do exercito.

Segundo, porque se os tres illustres capellães dos tres regimentos de Lisboa são portentos, e estão na especialissima graça de Deus, parece que não succede o mesmo a outros muitos capellães do exercito. Terceiro, porque o honrado articulista não contou com o ensino dos analphabets, que é o ensino capital, aquelle que eu principalmente tenho discutido e defendido, aquelle que mereceu, desde o principio, as minhas maiores e melhores attentões e preferencias.

Quantos analphabets ensinaram os tres capellães citados no artigo da *Revista de Infantaria*? Nenhum. D'onde se vê que o amor e a defeza do analphabetismo, tão pronunciados com a excommunição lançada pelo articulista sobre o ensino por companhias, tambem entram na graça de Deus.

E é esse o caso! O grande caso!

De resto, se eu apregão o merito e o trabalho dos que se dedicam ao patriottico empenho de ministrar instrucção litteraria ao soldado, não é por mim, que não preciso, saiba-o o illustre X. X., de fazer com isso a *minha fama*. E' por aquelles que desinteressadamente se dedicam ao serviço que a patria portugueza, n'este instante, mais urgentemente reclama. Esses, de cujos *entretenimentos* falla o auctor do artigo da *Revista* com mal disfarçado desdém, por muito pouco que façam fazem muito, porque fazem mais do que o seu dever. Os capellães militares, por muito que façam, não irão além do simples dever. E' a differença.

Quando deixará esta terra de mostrar, sem reboço, a sua má vontade a tudo que representa um aperfeiçoamento intellectual ou moral, um progresso, uma libertação?

Agradecendo, sr. redactor, a publicação d'esta carta, peço mais uma vez que me acredite sempre.

Coimbra, 1 9 04.

De v. etc.

Francisco Manuel Homem Christo.

Garraíada

O club *Mario Duarte* promoveu na quinta-feira passada uma tourada na praia do Pharol da Barra, sendo as entradas exclusivamente para os socios do mesmo club.

A corrida, que foi á *lá diable*, com elementos exclusivos do club, correu animadissima, havendo alguns boléos.

O gadinho era puro e noviçarro.

Houve quem extranhasse a pouca importancia que se ligou á imprensa local, jámais quando aquelle club razião de queixa não tem da maioria dos periodicos que em Aveiro se publicam.

Para o dia da Senhora da Saúde e Navegantes haverá as duas annunciadas corridas por conta do empresario, sr. Antonio Joaquim Gloria, para as quaes aquelle cavalleiro invida todos os esforços para as tornar brilhantes.

Os bons exemplos fructificam

Não foi de balde que o sr. governador civil estabeleceu o regimen da brutalidade e do arbitrio. Ainda a procissão não vac em meio!

Carlos Braga mandou vir do Porto para policia da cidade, durante as manobras do Bussaco, um destacamento de cavallaria da guarda municipal e outro de policia civis. Os cavallarias, sabendo que os outros cavallarias de cá — os aniguinhos dos francaceos! — tinham dado bordoadas nos cidadãos inoffensivos, sendo o seu illustre commandante louvado ainda por cima, entenderam que podiam fazer o mesmo, e muito mais. E não estiveram com meias medidas. Dois d'elles, em companhia d'um marinheiro em serviço na capitania do Porto, assaltaram, na noite de sabado passado, logo que chegaram a Aveiro, um quintal defronte do quartel, no intuito de roubar uvas. Sendo presentidos por um cão de guarda, que deu signal, accudiu o dono, que, naturalmente extranhou a *reverendissima* pouca vergonha. Então os heroicos militares não estiveram com mais aquellas: deram uma tarefa monumental no pobre homem, um velho de 62 annos.

E' claro: vão ser louvados em portaria do ministerio do reino. Não haja duvidas. Não pelo roubo. Não diremos tanto. Mas pela tarefa. O alferes Vellez tambem mandou atirar com os cavallos para cima dos cidadãos pacificos, e foi louvado como se houvesse tomado uma praça forte.

O pratinho de Carlos Braga é vér bater n'um aveirense. Tenham a certeza d'isso. Bater n'um aveirense é a maior recommendação que pôde haver para Carlos Braga. Dá tres vintens e... o resto, pelo espancador.

Aos homens está-se levantando um auto no quartel. Mas movem-se já as maiores influencias para que seja abafado. E deve ser. Justiça igual para todos. Não foi abafado o auto levantado ao alferes Vellez? E não havia lá depoimentos compromettedores? Então os homenzinhos devem ficar impunes.

Seja a lei igual para todos.

Devem ficar impunes e hão-de ficar. Desenganem-se os aveirenses: ou fazem justiça por suas mãos, ou tapóna não lhes sahe do lombo. Havia um recurso para expulsar de Aveiro o governador civil. Os francaceos troçaram d'elle. Então agora é aguentar Carlos Braga. E Carlos Braga, que é valentão, já se não contenta senão com tapona.

E' tapona e mais tapona. Quem der tapona em aveirenses é querido de Carlos Braga. E do seu intimo amigo *Papa-Sellos*, é claro.

Consorelo

Consorciou-se na freguezia da Gloria o sr. Antonio Pereira da Luz (Valdemouro) com a sr.^a D. Izabel Soares, d'esta cidade.

Foram padrinhos, os srs. tenente de cavallaria, Sapuryt Machado e sua esposa, e o sr. Francisco da Silva Rocha, digno director da escola de desenho «Fernando Caldeira» e sua esposa, cunhados e irmãos da noiva.

Aos noivos desejamos-lhes todas as felicidades de que são dignos.

GLORIA A AVEIRO

Pertence ao nosso presado collega *Democracia da Beira*, de Montemor-o-Novo, o seguinte artigo com o titulo que nos serve de epigraphe:

Affirma-se grandiosa e altiva no seu protesto a laborioso e patriótica cidade de Aveiro, o bucolico e perfumado berço do insigne parlamentar e eminente tribuno José Estevão Coelho de Magalhães.

O movimento de protesto contra as graves e insolitas provocações da reacção clerical e ultramontana attinge já as proporções d'um verdadeiro movimento nacional no norte do paiz!... Os elementos reaccionarios, a despeito mesmo de toda a protecção dos governos retrogrados da combalida monarchia portugueza, teem contudo de recusar ante a energia e firme attitudede das forças liberaes secundadas pelo Partido Republicano e pelos socialistas, cujas concretas e bem definidas aspirações estão hoje inscriptas em primacial logar no programma de governo da Democracia.

Portugal está atravessando um calamitoso periodo de perseguições e de affrontas de toda a casta, mas tem de sahir triumphante de todas estas provocações porquanto no ponto de limite do raio visual dos seus horizontes politicos começam a bruxolear os primeiros clarões da aurora da nossa futura Republica.

A questão religiosa attinge o maximo de intensidade e d'esta crise alguma coisa de util, de positivo e de grande tem de surgir.

E' um axioma que define a nossa politica.

E' o lema do Partido Republicano Portuguez.

Concunitamente ahi nos surge pela prôa a questão religiosa em Hespanha a indicar a Opinião do paiz visinho qual o caminho a seguir para se libertar do jugo da monarchia.

Conjugam-se assim os dois problemas mais complexos, os dois problemas mais graves da vida historica dos dois povos peninsulares.

A questão da concordata é uma questão de vida ou de morte para Hespanha!... O reaccionario governo de Maura está n'este momento jogando uma cartada decisiva.

E d'esta cartada, em que desesperadamente se empenham todos os esforços da reacção tem sahido a elaboração do nefasto plano de provocação a todos os sentimentos liberaes do nosso povo.

Começaram o ensaio por Aveiro aproveitando-se assim o pretexto de se contrariar as festas promovidas pelos liberaes d'aquella cidade em homenagem á memoria do grande patriota José Estevão Coelho de Magalhães, ferindo-se d'est'arte na reputação historica d'aquelle grandioso vulto das inolvidaveis campanhas da Liberdade, os sentimentos liberaes e democraticos d'a-

quelle sympathico, varonil e glorioso povo!

Mas a cratera do vulcão revolucionario ameaçou escancarar-se tragando n'um momento a reacção e o throno que a sustenta.

Foi o bastante para que o partido apostolico dirigido por ex-alumnas do *Sacré Cœur*, desistisse da procissão em desaggravo do dogma da *Immaculada Conceição*, com receio de provocar a tempestade já accumulada ao norte de Portugal.

Os liberaes e republicanos de Aveiro obtiveram assim uma gloriosissima e assignalada victoria.

A' brilhante e intransigente attitudede do nosso prestimoso collega *Povo de Aveiro*, se deve em grande parte o glorioso triumpho das reinvenções politicas da Democracia Portugueza.

Gloria a Aveiro!... Salvê Terra da Prommissão da Liberdade Lusitana.

FAZENDA JUNIOR.

A nossa cartela

Partiu para a sua propriedade de Santa Leocadia, acompanhado de sua familia, o sr. Antão Fernandes de Carvalho, digno advogado em Peso da Regua.

Seguiu para Lisboa o sr. dr. José Nunes da Ponte.

Regressou de Alcobaça a Lisboa o sr. Antonio Furtado dos Santos.

A veranear encontra-se na Figueira da Foz, o sr. João de Moraes Carvella.

De regresso de Lisboa, partiu com sua esposa para Espinho, o nosso amigo, sr. Antonio Maria Ferreira, bemquisto capitalista.

A fazer uso de banhos do mar, encontra-se na Costa Nova do Prado, com sua familia, o sr. dr. Antonio Marques de Moura, distincto medico do partido.

De Vizella regressou á sua casa d'Ihavo, o sr. Mannel Marques de Almeida Bastos, importante proprietario e capitalista.

De Lisboa regressou á sua casa de Sarrazola, o nosso amigo e prestante correligionario, sr. João Ferreira.

Publicações a pedido

Só a verdade. — Tendo alguem censurado a direcção do *Club Mario Duarte* por esta não ter convidada a imprensa para a tourada que na praia do Pharol se realisou quinta-feira ultima, cumpre-me, como membro da direcção, declarar que a tourada foi meramente particular, não tendo portanto a direcção interferencia alguma na corrida.

Aveiro, 9 de setembro de 1904.

Joaquim Ferreira Felix.

não é dado retroceder. Na opulencia dos seus eternos e infinitos thesouros, a vida é perdularia, e, como tal, não pôde enamorar-se d'aquelles a quem a experiencia ensina a sciencia de ser avarento d'elles. Ferina contradicção! A natureza que inventou as paixões, a saudade e a recordação, sacrificia implacavelmente a sua obra á grande harmonia, sem lhe importar com os soffrimentos parciais do todo! Que importa que o homem se exerucie diante do pavoroso nunca mais da velhice? Caminhe, caminhe; caminhe fatal e irremediavelmente. O que importa é que o grande todo seja sempre joven.

... nihil toto quode perstet in orbe.
Cuncta fluunt: omnisque vagans formatur imago.
Ipsa quoque assiduo labuntur tempora motu
Non secus ac flumen: neque enim consistere fluunt.
Nec levis hora potest: sed ut unda impellitur unda,
Urgenturque prior venienti, urgetque priorem.
Tempora sic fugiunt pariter, pariterque sequuntur:
Et nova sunt semper... (1)

(1) Ovid. *Metam.* XV. 177. Nada ha de permanente n'este mundo. Tudo corre, e tudo se informa em vaga imagem. Até os proprios tempos se deslizam em continuo movimento, da mesma forma que os rios, por-

A' ULTIMA HORA

O governo acaba de prohibir as paradas jesuiticas que os carolas pretendiam levar a effeito em Lisboa em homenagem á *Immaculada Conceição*.

Bem avisado andou o ministerio do reino em decretar tal medida, pois que os resultados podiam ser funestissimos. E' que o povo já não está para carolices e vae conhecendo as manhas hypocritas da clericalha. Vá lá que ainda foi a tempo.

A noticia foi recebida em Lisboa com verdadeiro jubilo, assim como no resto do paiz. Em Aveiro é o assumpto do dia.

Venceu por tanto a liberdade, a santa e querida liberdade por que tanto anhelamos.

Viva a patria livre do jugo clerical!

Viva a liberdade do pensamento.

Vivam os liberaes de todo o paiz!

A Municipal do Porto em Aveiro

O sr. Carlos Braga, julgando que os *guitas* do Porto levariam d'esta feita os liberaes de Aveiro a fio de espada, viu-se por sua vez enganado, pois que os *valientes*, envertendo os papeis, começaram por zurrir os adeptos da clericalha, e mesmo um *clerical*, roubando-lhe ainda por cima as famosas uvas que pendiam das latadas.

Ora bem se dizia aqui um dia d'estes com referencia aos tumultos que a procissão da *Immaculada* podia provocar: «os liberaes d'Aveiro esconder-se-lião detraz dos carolas e elles serão os primeiros a *arrotarem* com o peixe espada.»

Mas d'esta vez não foi preciso os liberaes esconderem se por detraz de ninguém.

Os carolas foram roubados e maltratados sem que ninguém provocasse a tropa que o sr. Carlos Braga para aqui mandou vir, a fim de dar *lições* nos aveirenses!

Limpe-se a esse guardanapo, sr. Carlos Braga! Peça tambem uma portaria de louvor para os *guitas* que desancaram o lavrador Amaro, seu filho e mulher. Olhe que elles tambem merecem uma recompensa.

O *papa-sellos*, segundo nos informam, já se tem empenhado para isso, apezar do filho do agredido ser padre e protegido do

Com estes formosos e admiraveis versos pinta a vida, como melhor ninguém, o sublime poeta das transformações e dos amores da Roma antiga. Assim é ella para todos, e assim já sinto que é hoje para mim. A onda impelle a onda; eu já sinto tambem aquella que me impelle. O caminho tapelado de rosas e flores, que tiram ao homem a consciencia de que é impellido, já para sempre findou para mim. Agora resta-me apenas o pavoroso nunca mais, que me vae empurrando para a hora, por ventura bem proxima, em que hei-de afundar no abysmo, que é valla commun da humanidade.

Mas deixemo-nos de lamurias. O que tem de ser tem muita força. Entremos portanto no conto.

Como te ia dizendo, amigo leitor, no principio d'este capitulo, se conheces as noites deliciosas, que se gosam em Coimbra, desde que a primavera principia a rejuvenecer o anno, até que o outono começa a lhe fazer cair o cabello, imagina uma noite assim, formosa mas sem luar, ahi pelos principios de maio do anno de 1543.

que nem os rios nem as leves horas pôdem parar; mas como a onda impede a onda, sendo a da frente impellido pela que lhe vem atraz, e impellido ella a que a precede, assim tambem correm os tempos, assim tambem se succedem uns aos outros e são sempre novos...

papa-sellos, e tambem apanhar a sua conta.

E' justo e muito justo. Mande-a vir, por isso.

Colyseu figueirense

Dia 8 de setembro, festa da Senhora da Encarnação em Buarcos, teve logar no formoso Colyseu Figueirense a 4.ª corrida, que, embora o publico não correspondesse aos esforços que a empreza empregou, em nos apresentar uma boa corrida, o que succedeu, viam-se alguns camarotes vasilios, mas podemos dizer sem receio de nos contradizerem, foi a melhor da epocha.

Bom seria que o espada Regatária não nos apparecesse, pois que foi a nota discordante, no meio de tão bello torneio de todos os artistas que trabalharam com tão boa vontade e corrección. Nada fez, nem com bandarilhas, nem com a muleta!! nem mesmo chegou a preparar o boi para a morte! o publico fez-lhe justiça, pateando-o. Não deixa saudades se cá não voltar.

Manuel Casimiro farpeou o 1.º e 6.º, tendo duas soberbas gaiolas, prendendo ferros com arte, e como elle sabe collocar; teve curtos magistres, sendo chamado, ouviu geraes applausos.

José Casimiro, seu filho, está um perfeito cavalleiro, pois que deffrontando-se com o 4.º e 9.º, executando sortes magistres no seu primeiro, e no segundo, pouco poude fazer, em virtude do boi se enrincheirar; e só depois de despertado com um par de bandarilhas de Theodoro, conseguiu prender alguns ferros de merecimento, o que lhe valeu grande ovação, principalmente, digno de menção, o rematte com um outro, que foi posto como manda a arte.

Dos peões, salientaram-se Theodoro e Cadete, a quem conberam as honras da tarde; dos outros artistas só temos a dizer que trabalharam com boa vontade, agradando, pelo que foram muito applaudidos, a não ser Torres Branco que esteve um pouco infeliz, ainda assim teve um par bom. Houveram tres pegas, 2 de cara, rijas e uma á volta boa.

D'esta vez a intelligencia do sr. Jayme Henrique foi acertada; verem para o dia 18 em que a empreza annuncia uma tourada com bons elementos; basta só dizer que trabalham cavalleiros, João Marcellino e Joaquim Alves!!

NA CHINA

Merecem ser conhecidos os motivos por que os chinezes nos dão a conhecer, em grande parte, a psychologia de raça e são: vingança e odio.

A vingança obedece muitas vezes a causas cuja fatalidade a nossa razão não chega a comprehender.

Diz um proverbio chinez que a vida paga-se com a vida. D'aqui acontece que o individuo que é o motor da morte d'outro, deve soffrer, como cas-

A Coimbra de então não era a Coimbra de hoje.

As muralhas, que haviam servido de armadura á cidade de Fernando, o Magno, e que se foram tornando inuteis, á medida que o imperio christão, a que ella serviu algum tempo de centro, se foi alargando até ao mar, apezar de já n'algumas partes ameaçarem ruina, e n'outras principiarem a esboroar, conservam-se, ainda assim, de pé quasi na sua totalidade. O famoso castello de Martim de Freitas ainda se alevantava, carrancudo e ameaçador, sobre a collina do lado do nascente; e ainda existiam as não sei quantas portas ou *arcos*, de que a velha loireira se tem ido modernamente desfazendo, nas suas fantezias de trajar á moderna, sem se lembrar, a total de que por mais que sorria para as pionias e para as abelhas das collinas de Santa Clara, e por mais que se enfeitasse e abonasse para os sinceiraes do Mondego, nunca ha-de passar de ser a velha encasquilhada e feia, tal qual os fundadores a fizeram, e tal qual Deus a condemnou a ser perpetuamente no meio dos verdores e das louçanias de esmeralda e de prata, no centro da qual a collocou. Era pois uma noite dos principios do mez de maio de 1543.

Apezar de não serem ainda nove horas da noite, e de ser quarta-feira, já então vespera de feriado na Universidade, a Couraça da Lisboa, com quanto perencesse á parte da cidade, que era ha-

tigo, a morte. E comprehende-se os lençoes em que se encontra, quando qualquer se mata na China por sua causa. A maior vingança, comprehende-se, que um chinez pôde tomar d'outro, é suicidar-se, em condições que se saiba a que se attribuir a origem. Assim, um mendigo espancado vingava-se degolando-se á porta da casa onde o espancaram.

Custa a crêr que um individuo, resolvido a matar-se por vingança, não arranque primeiro a vida ao seu inimigo. Ha uma razão:

A opinião publica concede, na China, certa aureola de magnanimidade e de heroismo em attentar contra a propria vida para se vingar de um inimigo que não se pôde vencer, porque suicidando-se assegura a vingança, emquanto, não se tem nunca a certeza de matar o inimigo; além d'isso derramando o sangue d'outrem, expõe toda a familia, perdem-se as honras funebres e mancha-se o nome de todos.

Vulgarmente, o suicidio por vingança, estriba-se em dinheiro. Um individuo é arruinado por outro, vae-se-lhe enforcar á porta. Dois commerciantes travam uma lucta encarnizada, o mais corajoso toma opio e vae morrer na loja do outro. Um demandante perde um processo, devido á influencia do seu rival, mata-se ante a casa d'elle.

O chinez, pois, que quer vingar-se, toma todas as precauções para que a sua morte dê o effeito desejado. Não só augmenta o rigor dos meios para augmentar o castigo, mas colloca no bolso um escripto, no qual explica a razão da sua morte e o nome da pessoa que é culpada. E, alguns mesmos receando que lhe rouhem esse papel, escrevem na pelle, porque ninguém se atreverá a destruir os caracteres, gravados na epiderme d'um morto.

O receio do suicidio é habilmente explorado algumas vezes para regular situações economicas difficeis. Um commerciante, cheio de dividas, resolve na vespera da fallencia uma grande comedia: declara em voz alta que se vae enforcar e, portanto, os seus credores que soffram as consequências. Ostensivamente prende uma corda a uma trave, sobe a uma escada, mette a cabeça no nó corredio, mas antes de dar na escada o pontapé que o ha-de passar d'esta vida para melhor, manda o filho a casa de dois ou tres credores, para os assustar, e certo do resultado, espera alli pacientemente que lhe façam uma diminuição nas suas dividas.

O suicidio conta-se sempre como um mau negocio contra aquelle a quem se dirige.

A policia chineza é sempre ruinosa, sem contar os maus tractos, e pessimo tratamento que durante longos mezes se soffrem nas cadeias. Assim com frequencia, para evitar a ruina dos seus e a angustiosa situação d'accusado, aquelles por quem se commetteu o suicidio matam-se tambem. E a grande dôr d'um chinez, quando se suicida e tem dois inimigos, é não se poder recommear ou matar-se á porta dos dois credores ao mesmo tempo.

bitada quasi que exclusivamente por estudantes, achava-se já silenciosa e deserta. Em compensação, para o lado do norte, sentia-se um borborinho surdo e permanente, que fazia crêr que os turbulentos escolares não viviam em tão perfeita harmonia com os desejos e com os intuitos; que inspiravam o fradesco D. João III a tresladar a Universidade de Lisboa para Coimbra, como o apparentavam á primeira vista a solidão e o silencio da Couraça de Lisboa.

Tinham passado apenas alguns minutos depois de soarem as nove horas no relotio da Universidade, quando da porta de Belcouce, que ficava, pouco mais ou menos, ahi junto da Estrella, desembocou de subito na Couraça um homem embrulhado n'um ferragouto, com o qual occultava cuidadosamente o rosto, já mais que sufficiente assombrado pelas grandes abas do chapéu que trazia na cabeça. Apenas entrou na rua, endireitou por ella acima, e, a uma centena de passos andados, enfiou pelo primeiro beco que encontrou á esquerda. D'ahi ao labyrintho de viellas tortuosas, escuras e immundas, a que chamam Palacios Confusos, são apenas dois passos. O nosso homem entrou corajosamente n'elle, e foi por fim parar á porta d'uma das casas da melhor apparencia d'aquelle bairro, na qual bat-u com o punho cerrado duas ou tres pancadas apressadas e rijas.

(Continua.)

FOLHETIM
A CALDEIRA DE PERO BOTELHO
POR **ARNALDO GAMA**

Sed fugit interea, fugit irreparabile tempus;

e com elle lá vae o homem ávante, deixando atraz de si a mocidade. Ao despertar attonito no pavoroso mundo novo, lá a vê, já a distancia, para atraz, e entre elle e ella aquelle pavoroso nunca mais, com que o tempo o empurrou para a frente.

E assim tudo e todos passamos pela vida. Surgimos, caminhamos e afundamos uns após dos outros, sem que ella perca um só ponto da sua eterna mocidade, graças á continua reprodução que a rejuvenece. Não passamos, mas ella fica sempre a mesma, sempre joven, sempre bella, sempre loireira, tapetando de rosas e boninas o caminho dos que principiam; e empurrando com a ponta do pé para o abysmo aquelles que uma vez passaram sobre ella. E a estes

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

<i>Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura</i> —16. ^a ed., cart. 300 réis, broch.	200
<i>Album</i> , ou livro contendo as lições da <i>Cartilha Maternal</i> em ponto grande	50000
<i>Quadros Parietaes</i> , ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.	60000
<i>Segunda parte—Os Deveres dos Filhos</i> —16. ^a ed., cart., 300 réis, broch.	200
<i>Guia prático e teórico da Cartilha Maternal</i> —1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos.	160

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada.

<i>Livros de polémica sobre o Methodo</i>	
<i>A Cartilha Maternal e o Apostolado</i>	500
<i>A Cartilha Maternal e a Crítica</i>	500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

<i>Campo de Flôres</i> —Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3. ^a ed.	700
<i>Prosas</i> —Coordenadas por Theophilo Braga	800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requirirem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albus, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (à Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchas e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o nasso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

PADARIA FERREIRA & MACEDO AOS ARCOS AVEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 16000 a 33600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velhas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Navio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

José Monteiro Telles dos Santos J.

DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que fôr feita qualquer dentista; obra a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe a qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVAM)



EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congêneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Sucessores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, pannellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.^o 43 a 45—AVEIRO